

A P R E S E N T A Ç Ã O

A área da sintaxe comparativa cujo enfoque é o estudo da variação interlingüística e/ou intralingüística quer de um ponto de vista sincrônico, quer diacrônico tem merecido especial atenção no quadro teórico gerativista desde a publicação de *Lectures and Government and Binding*, de Chomsky (1981). Num primeiro momento, as pesquisas tratavam dessa variação, levando em conta a fixação dos valores (positivo ou negativo) dos parâmetros que estabelecia grupos de línguas, como é o então conhecido Parâmetro do Sujeito Nulo: de um lado, há línguas *pro-drop* (ex.: italiano e espanhol), do outro, línguas *não-pro-drop* (ex.: inglês e francês). Num segundo momento, com o surgimento de *The Minimalist Program* (Cf. CHOMSKY, 1993, 1995), tem-se uma versão minimalista dos parâmetros que passam a ser explicados, a partir de uma teoria da verificação de traços, cuja idéia crucial é que os traços fortes dos itens lexicais precisam ser checados com suas categorias funcionais correspondentes na sintaxe visível. Vale referirmos que, durante os desenvolvimentos do aparato teórico chomskiano, pesquisas voltadas à interface da sintaxe com outros componentes da gramática passam a surgir como um domínio adicional de investigação.

Com base no acima exposto, o número desta revista intitulado *Estudos em Sintaxe Comparativa* tem como objetivo tratar aspectos da sintaxe das línguas naturais do ponto de vista sincrônico, em específico, enfocando não só estudos de interface sintaxe/léxico, sintaxe/morfologia, sintaxe/pragmática, como também estudos que contemplam analisar a estrutura sintática *per se*. Para tanto, reunimos artigos sobre diversos temas que, em geral, abordam a estrutura das frases ou a estrutura do DP nas línguas estudadas, dentre elas: o italiano, o caboverdiano, o francês, o português brasileiro e o português europeu. Em cada artigo, não só são apresentadas evidências empíricas que vêm corroborar as predições da análise formulada pelos autores, como também são suscitadas questões que abrem espaço a futuras investigações.

Visando divulgar e tornar acessível os resultados de pesquisas no ambiente acadêmico, esta revista é composta por onze artigos escritos por pesquisadores gerativistas estrangeiros e nacionais,

a partir dos quais é possível vislumbrar novos desenvolvimentos e possíveis caminhos de análise. Embora todos os autores assumam que a Faculdade da Linguagem é um componente da mente/cérebro humano, cada autor, ao centrar sua atenção num determinado tema, formulará sua proposta de análise num tipo de argumentação que esteja embasado na interface da sintaxe com outros componentes da gramática ou não.

No estudo de Adeilson Pinheiro Sedrins intitulado *Sobre a estrutura do DP: algumas considerações acerca da posição do complemento nominal em relação ao núcleo nominal*, o autor retoma o estudo comparativo de Lobato (1990) entre o português brasileiro e o francês sobre o comportamento de sintagmas preposicionais (PPs) internos a sintagmas determinantes (DPs), levando em conta o Princípio de Adjacência de Caso (cf. CHOMSKY, 1986). Ademais, outras propostas de análises são revisitadas, a saber: a proposta de Abney (1987), Cinque (1994), Cerqueira (1996). Um dos resultados apresentados pelo autor, durante sua análise, é de que, em algumas estruturas do português brasileiro, é mais produtiva a ordem “argumento externo” > “argumento interno” (complemento) quando ambos os argumentos são introduzidos pela preposição *de* em construções genitivas, apresentando o núcleo nominal uma leitura resultativa.

No artigo intitulado *Por uma análise morfossintática da posição dos sujeitos pré-verbais no português brasileiro e no português europeu*, Cláudia Roberta Tavares Silva, ao analisar a arquitetura da frase, conclui que sujeitos pré-verbais ocupam a posição-A mais alta da frase, nomeadamente Spec, AgrSP, e que há movimento curto do verbo em sentenças declarativas finitas nas duas línguas. Levando em conta que os morfemas Agr e T co-ocorrem amalgamados e que Spec, TP não está disponível para hospedar os sujeitos pré-verbais nessas línguas, a autora, sob o viés da interface sintaxe/morfologia, adota o quadro teórico da Morfologia Distribuída (Cf. HALLE & MARANTZ, 1993; EMBICK & NOYER, 2001), bem como a formulação do Parâmetro Spec, TP, de Bobaljik (1995), que lhe possibilitam argumentar a favor da idéia de que a estrutura hierárquica formada na sintaxe é modificada no componente morfológico da gramática, tendo em vista o movimento de descida de Agr-para-T (*Lowering*) ser motivado pós-sintaticamente no português

brasileiro e no português europeu para permitir a fusão dos dois nós terminais, Agr e T.

Daniel Carvalho, em seu artigo *PARA vs. QUE em orações encaixadas no PB*, discute alguns problemas gerados pela assunção tradicional de *para* como complementizador encabeçando estruturas infinitivas encaixadas no PB, através do processo de reanálise, e apresenta evidências empíricas que desfavorecem essa proposta. O autor apresenta como uma de suas conclusões que, quanto à natureza categorial do *para* da oração adjungida, na oração encaixada, este não preenche C, mas é resultado de uma duplicação do PP complemento do verbo matriz reinterpretado ora como ainda uma preposição com traço lexical forte, subcategorizando um IP, mas não deixando de ser um adjunto, ora com o traço lexical enfraquecido, subcategorizando um CP.

Deisi Cristina G. M. Vidor e Sérgio de Moura Menezes com o texto *Pronomes como determinantes: algumas propriedades do elemento interrogativo QUE em Português Brasileiro* assumem a hipótese de que pronomes são determinantes, e mostram que a forma interrogativa *que* apresenta-se distribuída em Português Brasileiro ora como determinante interrogativo, ora como pronome interrogativo, o que conforma e amplia a hipótese de Raposo (1998b) para o Português Europeu, tomado por base assunções minimalistas nos moldes de Chomsky (1995, 1998). Os autores formulam, dentro do Programa Minimalista, mais uma Condição que se faz necessária para dar conta das propriedades do elemento interrogativo *que* no Português Brasileiro, o que representa significativa contribuição à sintaxe do português.

Denilda Moura discute no artigo intitulado *Concordância de pronomes pessoais em frases copulativas* a assimetria existente entre os traços- ϕ de pronomes de 1ª e 2ª pessoas vs. os pronomes de 3ª pessoa, detectada em construções copulativas. A autora apresenta dados da diacronia com evidências de fenômenos ainda ativos na língua. Na tentativa de dar conta da assimetria detectada, adotando uma perspectiva estritamente sintática, e assumindo a hipótese de Ritter (1995) de que o gênero está associado a categorias fráscas/funcionais, algumas hipóteses (e problemas) para uma proposta de análise são apresentadas, com base na hipótese DP

(ABNEY, 1987) e a hipótese da estrutura interna do DP pronominal (RITTER, 1991, 1993, 1995), dentre outros.

Em suas *Notas sobre o SE reflexivo no dialeto do PB falado em Alagoas*, Dorothy Bezerra Silva de Brito apresenta uma discussão sobre a anáfora reflexiva *se*, a partir da análise de Menuzzi (1999, 2004) para dependências anafóricas em que a forma pronominal *a gente* é o antecedente. A autora questiona o tipo de concordância que entra em jogo quando a anáfora *se*, conforme os contextos analisados, pode ter qualquer pronome sujeito como antecedente, e propõe uma discussão sobre as exigências sintático-semânticas requeridas em dependências anafóricas em que a anáfora *se* é a forma dependente.

Em seu estudo intitulado *Sobre o status de PPs em estruturas com verbos do tipo ir e chegar: complemento ou adjunto?*, Jair Gomes de Farias argumenta que os sintagmas preposicionais nessas estruturas são complementos e não adjuntos, ao contrário do que é comumente assumido na literatura. Subsidiando sua análise na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1986, 1993) e na Teoria do Léxico Gerativo (PUSTEJOVSKY, 1998), o autor trabalha na interface léxico/sintaxe e rediscute algumas propostas de análise cujo foco de atenção é o PP nas chamadas construções inacusativas. A partir da análise de contextos estruturais do português brasileiro construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar*, o autor apresenta evidências empíricas motivadas não só sintática, mas lexicalmente, que vão de encontro a essas propostas.

No artigo *Construções de redobro em português brasileiro: sujeitos tópicos vs. soletração do traço de pessoa*, João Costa, Inês Duarte e Cláudia Silva, ao analisarem a estrutura do DP nas construções de redobro do sujeito no português brasileiro, apresentam evidências que constataam uma assimetria entre o francês e essa língua (Cf. DE CAT, 2002). Na primeira língua, construções de redobro correspondem a construções de deslocamento à esquerda, o que implica assumir que o DP sujeito e o pronome que o redobra ocupam posições sintáticas distintas; na segunda, construções de redobro, segundo argumentam os autores, não implicam necessariamente em construções de deslocamento à esquerda, tendo em vista o pronome que redobra o DP sujeito ocupar o núcleo D, sendo uma marca de pessoa cuja lexicalização dá-se pós-sintaticamente, uma consequência

do enfraquecimento da morfologia de flexão verbal no português brasileiro e não do Parâmetro do Sujeito Nulo. Para fundamentar essa proposta de análise, os autores trabalham no domínio da interface sintaxe/morfologia, utilizando-se do aparato teórico da Morfologia Distribuída (Cf. HALLE & MARANTZ, 1993).

No artigo intitulado *Ordem verbo-sujeito, inacusatividade, caso e definitude: subsídios interlingüísticos para uma análise no português brasileiro*, Marcelo Amorim Sibaldo adota o quadro teórico da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1981; 1986). Sobre o Caso partitivo, o autor discute a proposta de Belletti (1988), segundo a qual o DP pós-verbal de estruturas inacusativas recebe o Caso partitivo e é submetido ao Efeito de Definitude. Em sua discussão, ele utiliza as análises do finlandês, de Kiparsky (1998, 2001), o que permite a constatação de que de forma semelhante ao PB, o finlandês, em estruturas inacusativas, não manifesta concordância com o DP pós-verbal. O autor discute a abordagem minimalista para a questão da inacusatividade, de Kato (2000), que propõe uma análise em que a checagem do nominativo estrutural é feita pela subida do afixo pronominal nulo, que é gerado como argumento externo do verbo, para [Spec, TP], e propõe para o associado de estruturas inacusativas do PB, o Caso nominativo *default* que não precisa de concordância para a checagem.

O estudo comparativo entre o Português Europeu (PE) e o Caboverdiano (CV), de Maria Alexandra Fiéis e Fernanda Pratas, sobre os clíticos do tipo *se* realiza uma discussão sobre presença/ausência desse morfema no PE e no CV, e destaca que essa assimetria se relaciona a diferenças na arquitetura da frase, nessas duas línguas. A partir da proposta teórica da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993; EMBICK & NOYER, 2001), as autoras propõem uma análise para dar conta do fenômeno que consideram ser operado no módulo pós-sintático, no componente morfofonológico da gramática. Esse estudo intitulado *Sobre a não-argumentalidade de SE em Português Europeu: comparação com o Caboverdiano* constitui mais uma contribuição no contexto dos estudos em sintaxe comparativa.

Em seu artigo intitulado *Syntactic and pragmatic features*, Roberta D'Alessandro, analisando a variação na leitura interpretativa do *si* impessoal no italiano e o modelo de concordância encontrado

nas construções com *a gente* no português europeu, argumenta que, além dos traços-*phi* que codificam a informação gramatical relacionada, por exemplo, a gênero, número e pessoa, há um conjunto de traços denominado *sigma-set* responsável pela codificação da informação pragmática/dêitica. Nessa análise, que se encontra embasada na interface sintaxe/pragmática, seguindo a proposta de Sigurðsson (2002, 2003, 2004), Bianchi (2003) e Speas (2002), dentre outros, a autora assume que a informação pragmática é codificada sintaticamente, uma situação não prevista em Chomsky (1999).

Sumarizando os temas e o viés argumentativo adotado por cada autor, pretendemos nesta apresentação dar uma visão panorâmica dos estudos em sintaxe comparativa desenvolvidos aqui. Para os leitores que não estejam familiarizados com alguns termos técnicos e nomenclaturas adotados pelos autores, recomendamos consultar um livro ou manual de introdução à gramática gerativa.

É claro que, por questão de espaço, não foi possível (e seria impossível!) exaurirmos todas as questões que estão se erguendo dentro do quadro teórico adotado pelos autores, muitas das quais têm merecido especial atenção por parte de outros colegas gerativistas. Por fim, façamos nossas as palavras de Borges Neto extraídas do livro *Ensaio de Filosofia da Linguística* (2004, p. 82): “[...] qual a atitude a se esperar da comunidade científica diante dessa publicação? Certamente não o silêncio. Silenciar é desrespeitar o trabalho do outro [...] E é pela crítica incansável, pelo debate constante, que as posições se firmam, que as conclusões são obtidas, que os enganos são revelados, que nossa ciência se constrói.”

Desde já, queremos agradecer aos colegas convidados para publicar seus artigos, pela presteza e colaboração que possibilitaram a confecção deste número. Agradecemos também ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e ao Conselho Editorial da revista *Leitura*, pela oportunidade de publicarmos este número temático.

Denilda Moura

Cláudia Silva